



VIVÊNCIAS DO TEMPO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE HANNAH ARENDT

Margarida Amaral

**Universidade Católica Portuguesa
Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa
Ciência Vitae: 1512-A129-56AE**

Vivemos com o tempo; em tudo o que fazemos o tempo está presente. E contudo... O que sabemos acerca dele? De que forma o podemos expor? Ninguém melhor do que Santo Agostinho expressou a dificuldade de trazer o tempo à consciência para o poder explicar. São suas as palavras:

"Que é, pois, o tempo? Quem o poderá explicar facilmente e com brevidade? Quem poderá apreendê-lo, mesmo com o pensamento, para proferir uma palavra acerca dele? Que realidade mais familiar e conhecida do que o tempo evocamos na nossa conversação? E quando falamos dele, sem dúvida compreendemos, e também compreendemos quando ouvimos alguém falar dele. O que é, pois, o tempo? Se ninguém me pergunta, sei o que é; mas se quero explicá-lo a quem me pergunta, não sei (...)" (Santo Agostinho 2001, p. 299)

Estas interrogações exprimem o grande enigma que é o tempo, o qual remete para a nossa familiaridade com ele, mas ainda para a sua ocultação enquanto assunto que pretendemos explicitar. O tempo é efectivamente nosso familiar e talvez seja até o mais próximo. Ele está como que "agarrado" a nós, presente em tudo o que fazemos: quando recordamos ou antecipamos, quando (ainda que raramente) valorizamos o presente, mas ainda sempre que, mesmo não recorrendo às dimensões do tempo para as nossas viagens de pensamento, o tempo passa de forma inexorável. Por isso, ele nos é tão familiar. O homem é um ser-no-mundo e, enquanto tal, é inevitavelmente um ser-no-tempo. Mas talvez seja mesmo esta familiaridade com o tempo que não nos permite criar a distância adequada para o poder explicar. É como se quando pretendemos trazer o próprio tempo à consciência para dizer o que ele é, ele mesmo se oculte evidenciando o nosso atrevimento.



VIVÊNCIAS DO TEMPO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE HANNAH ARENDT

Margarida Amaral

**Universidade Católica Portuguesa
Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa
Ciência Vitae: 1512-A129-56AE**

O intuito deste artigo não poderia ser, portanto, explicar o tempo, mas pensar sobre algumas das nossas múltiplas vivências do tempo para lá daquilo que podemos designar como "tempo objectivo". Este será o verdadeiro tempo – aquele que acompanha toda a mudança e cuja objectividade, em rigor, pode apenas ser compreendida como pura passagem. As próprias categorias do passado, presente e futuro são apenas formas de o homem "arrumar" esta mudança ou passagem do tempo, podendo por isso ser compreendidas como Inter-subjectivas porque todos nós reconhecemos o seu significado. Contudo, em rigor e em termos objectivos, o tempo não corresponde ao passado, presente e futuro, mas apenas a um fluxo que procuramos enquadrar através de tais dimensões do tempo.

Ora, por detrás deste fluxo existe como que um submundo extremamente rico e complexo, correspondendo às diversas formas como sentimos, vivemos e entendemos o tempo. Podemos nomear este submundo como "tempo subjectivo", isto é, o tempo sentido, vivido e compreendido por cada um de nós.

Num texto intitulado "O Intervalo entre o Passado e o Futuro", Hannah Arendt oferece-nos uma imagem particular do tempo que subjectivamente vivemos enquanto pensamos. Trata-se de uma imagem curiosa porque rompe com a ideia de que as três dimensões do tempo são sempre vividas por nós de forma contínua. Segundo a autora, o modo contínuo de conceber o tempo deve-se à espacialidade que configura a nossa vivência do quotidiano e que traduzimos na própria continuidade temporal dos calendários e dos relógios pelos quais marcamos a passagem do tempo. Por isso, Hannah Arendt afirma que "[é] devido a esta completa espacialidade da nossa vida habitual que podemos plausivelmente falar do tempo em categorias espaciais, que o passado pode aparecer-nos como algo que está "atrás" de nós e o futuro como estando "adiante" (Arendt, 1978, pp. 205-206)



VIVÊNCIAS DO TEMPO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE HANNAH ARENDT

Margarida Amaral

**Universidade Católica Portuguesa
Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa
Ciência Vitae: 1512-A129-56AE**

Ora, segundo a autora, quando pensamos podemos dar-nos conta de que o passado, o presente e o futuro não são por nós vividos como sucedendo-se, mas que, pelo contrário, o presente é o momento em que as outras forças temporais se confrontam. Hannah Arendt desenvolve esta ideia a partir de um fragmento de Kafka:

"Ele tem dois adversários: o primeiro empurra-o de trás, desde o início; o segundo veda-lhe o caminho para a frente. Ele luta com os dois. Na realidade, o primeiro apoia-o na luta contra o segundo, pois quer empurrá-lo para a frente; do mesmo modo, o segundo apoia-o na luta contra o primeiro porque o impele para trás. Mas apenas teoricamente isto se passa assim. Porquanto não estão ali apenas os dois adversários, mas também ele próprio, e quem conhece verdadeiramente as suas intenções? Em todo o caso, o seu sonho é que por uma vez, num momento em que não está a ser vigiado – para tal seria, no entanto, necessária uma noite tão escura como nenhuma outra – ele salte da frente de combate e, devido à sua experiência de combatente, seja elevado a árbitro do combate entre os dois adversários, que lutam um contra o outro". (Kafka, 1989, p. 222. Arendt, 1978, p. 202)

No aforismo de Kafka surge um "ele" que tem dois oponentes entre si e aos quais o próprio "ele" dá luta. Cada um dos oponentes ajuda o "ele" na sua luta com o outro. Na interpretação de Hannah Arendt, estas forças são as do passado e do futuro. O passado, com a segurança que representa, ajuda o "ele" na luta esperançada contra a incerteza contida no futuro. Em sentido inverso, o medo diante da incerteza do futuro auxilia o "ele" na sua luta contra o passado, conduzindo-o a permanecer na certeza desta dimensão do tempo. E é assim que o "ele" passa a sua vida: recordando o passado, antecipando o futuro e vivendo fugazmente um presente que não se detém. Considerando a primeira parte do aforismo de Kafka,



VIVÊNCIAS DO TEMPO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE HANNAH ARENDT

Margarida Amaral

**Universidade Católica Portuguesa
Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa
Ciência Vitae: 1512-A129-56AE**

poderíamos ser tentados a identificar este "ele" com qualquer um de nós. Hannah Arendt, numa passagem específica deste texto, parece permitir esta interpretação:

"O homem vive neste intermédio, e aquilo a que ele chama o presente é uma luta de toda uma vida contra o peso morto do passado, empurrando-o para a frente com esperança, e o medo de um futuro (cuja única certeza é a morte), empurrando-o para trás para «a quietude do passado» com a nostalgia e a recordação da única realidade de que pode estar certo". (Arendt, 1978, p. 205)

Certamente, todos nós concebemos a nossa vida como estando temporalmente situada num presente ténue que dificilmente ganha densidade porque passamos o tempo a viver no passado e no futuro, através dos preciosos recursos da memória e da antecipação. No entanto, Hannah Arendt alerta-nos para o facto de o "ele" de Kafka não ser qualquer homem, ou pelo menos não o ser em qualquer situação. Isto deve-se com certeza à segunda parte do aforismo, quando Kafka nos fala do sonho do "ele". Este sonho - que na verdade, como admite o próprio autor, é impossível de concretizar - é sair da luta entre as duas forças para, de fora, a poder contemplar. Trata-se do sonho metafísico de sair da intranquilidade do tempo, para poder pensar sobre o tempo e o mundo que nele se enquadra. Ora, este "ele", enquanto encerrado na luta entre o passado e o futuro é qualquer homem, mas quando se apercebe da intranquilidade desta situação e deseja sair dela para poder pensar sobre o mundo, assume-se como um "eu pensante". Só quando pensamos nos podemos dar conta de que toda a nossa vida é passada num presente intranquilo e que somos constantemente interpelados pelo passado e pelo futuro. Nas palavras de Hannah Arendt:



VIVÊNCIAS DO TEMPO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE HANNAH ARENDT

Margarida Amaral

**Universidade Católica Portuguesa
Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa
Ciência Vitae: 1512-A129-56AE**

"É apenas porque «ele» pensa, e, portanto, já não é arrastado pela continuidade da vida quotidiana num mundo de aparências, que o passado e o futuro se manifestam a si próprios como puras entidades, de tal forma que "ele" pode tornar-se consciente de um já-não que o empurra para diante e um ainda-não que o conduz para trás". (Arendt, 1978, p. 206)

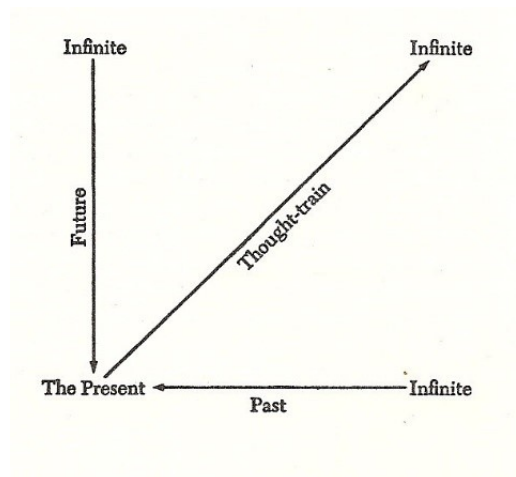
Se é só nesta condição de "eus pensantes" que nos tornamos conscientes da luta entre as forças do tempo, a nós dirigidas, a verdade é que é só enquanto tal que podemos desejar sair desta situação intranquila para poder pensar. Ora, é este desejo que se torna problemático para Hannah Arendt e é por isso que o sonho representado no aforismo de Kafka não é inteiramente subscrito pela autora. Arendt reconhece que no centro da luta entre o passado e o futuro está qualquer um de nós e também admite que a tomada de consciência desta condição existencial em que vive o homem conduz o eu pensante ao desejo de suspender a sua situação de joguete entre as forças do tempo para justamente poder pensar. Todos compreendemos como o centro de um combate não é a circunstância ideal para assumir a tranquilidade adequada ao exercício do pensar. Contudo, para Hannah Arendt, o pensamento é inseparável do mundo e, portanto, do tempo. O mesmo será dizer que todo o pensar é situado e que, em nome da sua pertinência, deve circunscrever-se à dimensão factual do mundo. Nesse sentido, o sonho de Kafka, além de impossível, dado que só a morte verdadeiramente o permitiria ("uma noite tão escura como nenhuma outra"), é ainda indesejável, pois o eu pensante de Arendt não quer verdadeiramente sair do mundo. É por isso que a autora propõe um desenho que, situando o homem no centro do campo de batalha, não representa o eu pensante fora do mundo e do tempo, mas, pelo contrário, neles bem enquadrado:



VIVÊNCIAS DO TEMPO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE HANNAH ARENDT

Margarida Amaral

Universidade Católica Portuguesa
Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa
Ciência Vitae: 1512-A129-56AE



(Arendt, 1978, p. 208)

Neste desenho, o passado e o futuro continuam a chegar ao presente, agora claramente partindo de um princípio infinito, porque, como afirma Hannah Arendt, aquelas dimensões do tempo não têm um "começo conhecido". (Arendt, 1978, p. 209). Esta imagem tem ainda a vantagem de representar o futuro como vertical, porque esta dimensão, ao contrário do passado, não se encontra estabelecida. Mas a linha diagonal é a razão de ser deste desenho. É nela que o eu pensante se situa quando parte nas suas viagens pelo pensamento. Esta linha representa, não uma saída do tempo, mas por assim dizer uma suspensão que o eu pensante realiza relativamente à intranquilidade que sente no lugar de onde na realidade não sai, até porque isso não lhe é permitido: o presente. Esta é uma linha que ainda se situa no presente, mas que permite ao eu pensante suspender a intranquilidade de que é vítima no vértice do ângulo formado pelo passado e pelo futuro e partir, rumo à atividade infinita, porque justamente não pode ter fim, do pensar. Por isso, Hannah Arendt afirma:



VIVÊNCIAS DO TEMPO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE HANNAH ARENDT

Margarida Amaral

**Universidade Católica Portuguesa
Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa
Ciência Vitae: 1512-A129-56AE**

"Neste intervalo entre o passado e o futuro, encontramos o nosso lugar no tempo quando pensamos, isto é, quando estamos suficientemente afastados do passado e do futuro para confiarmos em descobrir o seu sentido, para assumirmos a posição de (...) árbitro e juiz sobre os múltiplos e intermináveis assuntos da existência humana no mundo, nunca chegando a uma solução final para os seus enigmas mas preparados com respostas sempre novas à questão sobre o que tudo isto possa ser". (Arendt, 1978, pp. 209-210)

Este desenho pode, portanto, representar o tempo do eu pensante - um "presente intemporal" - enquanto ele descobre a dimensão temporal intranquila da sua vida quotidiana e, por isso, deseja suspendê-la em nome da própria tranquilidade do pensamento. (Arendt, 1978, p. 210). Há, contudo, outras vivências do tempo que este desenho não consegue representar, nomeadamente no que diz respeito ao tempo da vida de cada um de nós e ao tempo do mundo onde essa vida se inscreve. Enquanto "eus pensantes", situados na tranquilidade da linha diagonal, podemos perguntar: será que a direção temporal com que vemos a nossa vida, inseridos num tempo que nos precede e que, por princípio, a nós sobreviverá, coincide com a direção temporal com que concebemos o mundo em que nós próprios vivemos? Por outras palavras, será que o tempo do mundo tem o mesmo sentido que o tempo da nossa vida?

Procurando mergulhar um pouco mais no submundo do tempo subjetivo, pensemos em primeiro lugar sobre o tempo do mundo. Ultrapassando os limites temporais estabelecidos pelo nascimento e pela morte de cada homem, este tempo parece nascer num futuro que nos chega ao presente e que se sedimenta no passado. Se assim o entendermos, a direção do tempo do mundo surge do futuro para o passado. Esta dimensão é, afinal, a única que tem densidade porque possui conteúdos. A partir dela, estudamos e ensinamos a História do mundo. O futuro, por contraponto, nada contém e o presente corresponde ao tempo fugaz que, para



VIVÊNCIAS DO TEMPO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE HANNAH ARENDT

Margarida Amaral

**Universidade Católica Portuguesa
Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa
Ciência Vitae: 1512-A129-56AE**

verdadeiramente se *apresentar*, tem de se tornar passado. Este é, portanto, o tempo que guarda os vários presentes fugazes e os futuros que, quando chegam ao passado, como que se autodestroem porque na realidade deixam de ser futuro. A legitimidade desta imagem da direção do tempo do mundo pode ser obviamente questionada - como qualquer vivência do tempo, ela é, como já foi referido, meramente subjetiva. No entanto, é importante considerar que ela se justifica pela imensidão do passado do mundo e pelo facto de este continuar a ganhar densidade quando o futuro chega ao presente e, de seguida, se autodestrói no momento em que se acrescenta, enquanto passado, ao passado do próprio mundo.

Ora, admitindo este sentido do tempo do mundo, é como se este tempo viesse contra o nosso, isto é, o tempo de cada homem. Porque todos nascemos num mundo que já existe e, portanto, surgimos no interior de um tempo, andamos ao contrário da direção do tempo do mundo. Pelo facto de nascermos, nós mesmos não possuímos um passado. Assim sendo, vamos construindo esse passado à medida que vivemos o presente e que caminhamos em direção ao futuro. Esta parece ser a direção do tempo de cada homem: à medida que vive, deixa o passado para trás e caminha em direção ao futuro. Esta bidireccionalidade do tempo do mundo e do nosso próprio tempo permite que o homem se encontre com o mundo no presente. Contudo, as outras duas dimensões do tempo do mundo também são nossas porque justamente somos seres-no-mundo. Assim, desde que nascemos no mundo e que vamos caminhando para o futuro, passamos a integrar o seu passado. Do mesmo modo, a partir do momento inicial da nossa vida, encontramos o futuro do mundo, que nos interpela e que, por isso, é igualmente o nosso.

Esta bidireccionalidade ajuda-nos a compreender que o tempo da nossa vida, muito embora integrado no tempo do mundo, não decorre no mesmo sentido deste último. Enquanto estamos vivos, assumimo-nos como uma força em direção ao que



VIVÊNCIAS DO TEMPO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE HANNAH ARENDT

Margarida Amaral

**Universidade Católica Portuguesa
Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa
Ciência Vitae: 1512-A129-56AE**

ainda não existe, o qual, à medida da nossa passagem, se vai tornando concreto. Por isso, o nosso rumo nunca será o passado, mas o futuro. Permanecer preso ao passado, vivendo apenas de memórias, significaria estagnar e, de certa forma, morrer um pouco diante do pulsar do futuro do mundo, que nos interpela, e do pulsar do nosso próprio futuro, para o qual a força da nossa vida nos impulsiona.

Neste plano, já não somos o eu pensante de Hannah Arendt a olhar para o mundo, que necessariamente se insere no tempo, e a tomar consciência da necessidade da nossa linha diagonal, esse presente sem tempo que o eu pensante cria para si mesmo. Ainda na linha diagonal, porque estamos a pensar, fazemo-lo dirigindo o nosso olhar para o contraste direcional do tempo do mundo e do tempo da nossa própria vida. E é assim que descobrimos uma bidireccionalidade e um presente que nada mais é do que o ponto de encontro entre o nosso tempo e o do mundo. Como dois passeantes que vagueiam em sentido contrário, o homem encontra-se com o mundo nessa esquina fugaz do presente, ignorando, na maior parte das vezes, que o outro transeunte vem do futuro, do mesmo lugar para onde caminhamos, e dirige-se a um passado, integrando-nos nele, mas que vamos sempre abandonando.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS CITADAS:

Santo Agostinho. *Confissões*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001.

Arendt, Hannah. *The Life of the Mind*. New York: Harcourt Brace & Company, 1978.

Kafka, Franz. *Beschreibung Eines Kampfes. Novellen, Skizzen, Aphorismen aus dem Nachlaß*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1989.



VIVÊNCIAS DO TEMPO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE HANNAH ARENDT

Margarida Amaral

**Universidade Católica Portuguesa
Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa
Ciência Vitae: 1512-A129-56AE**

NOTA BIOGRÁFICA

Margarida Gomes Amaral é doutorada em Filosofia, na especialidade de Filosofia Contemporânea, com uma tese sobre Hannah Arendt (Universidade de Lisboa, 2011). É professora auxiliar convidada na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa e membro da Sociedade Científica desta mesma Universidade. É também membro pleno do grupo de investigação "Praxis – filosofia prática" no Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

ABSTRACT

This article aims to reflect on time, in particular on some of our temporal experiences. Considering the flow that constitutes what we can designate as "objective time", we frame it inter-subjectively through the categories of the past, present and future, but we feel it, live it and understand it subjectively. It is on this last dimension that this article focuses. Based on a reflection by Hannah Arendt on the time of the "thinking ego", we will try to frame the time of our life and the time of the world where we live. Hannah Arendt refers to a non-sequential image of the past and the future, which suggests that all men are situated in an uneasy present, between two forces that correspond to those temporal categories. Effectively, we spend our lives remembering and anticipating, supported respectively by the fear of the future and the security of the past. This existential condition prevents us from *being present*, that is, from establishing a present for ourselves, which is fundamental to the tranquility required by the exercise of thought. Thus, according to Hannah Arendt, when we think we are inevitably located in the present, and



VIVÊNCIAS DO TEMPO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE HANNAH ARENDT

Margarida Amaral

**Universidade Católica Portuguesa
Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa
Ciência Vitae: 1512-A129-56AE**

therefore between the past and the future, but we endow it with a specific timelessness that corresponds to the suspension of our activities in the world in order to be able to think. Now, from that privileged position, we can dare to discover other subjective experiences of the time, namely, the bi-directionality inherent in the contrast between the time of our life and the time of the world in which we are allowed to live. These times intersect in the present, but they assume a quite different direction: the world settles in the past, while we are moving towards a future that constantly challenges us.

KEYWORDS: Time, Thinking Ego, Hannah Arendt.



VIVÊNCIAS DO TEMPO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE HANNAH ARENDT

Margarida Amaral

**Universidade Católica Portuguesa
Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa
Ciência Vitae: 1512-A129-56AE**